

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES  
CURSO DE PEDAGOGIA

**FILOSOFIA COM CRIANÇAS: DIDÁTICAS E ESTRATÉGIAS DE  
ENSINO DESENVOLVIDAS POR DOCENTES EM DUAS  
ESCOLAS MUNICIPAIS DO VALE DO TAQUARI RS**

Lia Lúcia Delavald Bottoni

Lajeado, novembro de 2013.

Lia Lúcia Delavald Bottoni

**FILOSOFIA COM CRIANÇAS: DIDÁTICAS E ESTRATÉGIAS DE  
ENSINO DESENVOLVIDAS POR DOCENTES EM DUAS  
ESCOLAS MUNICIPAIS DO VALE DO TAQUARI RS**

Monografia apresentada na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES como parte da exigência para obtenção do título de Pedagoga.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Schuck

Lajeado, novembro de 2013.

## DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa inicialmente a todas as crianças do Brasil, elas foram minha fonte de inspiração e preocupação.

Meus aplausos para as mães dessas crianças que no seu dia a dia sentem a importância de uma educação mais séria, de uma saúde mais digna, assim como de um filho protagonista de seus atos.

Ao meu marido Auri, companheiro de todas as horas, de todos os dias, de projetos, realizações e dificuldades, que foi meu ombro amigo e um maravilhoso pai.

Em especial às minhas filhas, Francine, Bárbara e Natália que com suas lições de vida me surpreendem a cada dia e me levam a acreditar que a vida vale a pena...

À minha sogra, Guilhermina, pelo chimarrão que tivemos que deixar para depois.

A todas as colegas da Pedagogia, pelas noites únicas na Univates, pelos conselhos durante esse percurso difícil, divertido e sublime de minha caminhada como estudante. Também aos colegas e professores do Pibid, com quem passei horas muito produtivas, aprendi muito, fiz muitas amizades e me diverti.

Também a todos os professores que passaram por mim de alguma forma e que caminharam ao meu lado, melhorando meu aprendizado e que, quando eu quase caía no precipício, me puxavam para a margem.

E a todas as pessoas que, mesmo sem demonstrar, acreditaram em mim, porque só eu sei o quanto foi difícil chegar até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço inicialmente a DEUS, pois é graças a ele que estou escrevendo, realizando minha pesquisa sobre minhas inquietudes e concretizando meu sonho de ser uma Pedagoga. Para muitos pode não ser quase nada, mas para mim é tudo.

Agradeço a colaboração do meu orientador, Rogério José Schuck pela sua paciência e profissionalismo. E pelo chimarrão a cada orientação.

Principalmente aos alunos das turmas nas quais eu realizei minhas observações, nas duas escolas municipais do Vale do Taquari.

Também às quatro docentes que tiveram a paciência de me proporcionar momentos de observações em suas turmas e de me fornecer as gravações de entrevista sobre minha pesquisa.

*Azul da cor do Mar - Tim Maia*

*Ah! Se o mundo inteiro me pudesse ouvir*

*Tenho tanto pra contar*

*Dizer que aprendi*

*E na vida a gente tem que entender*

*Que um nasce pra sofrer*

*Enquanto o outro ri*

*Mas quem sofre tem que procurar*

*Pelo menos vir a achar*

*Razão para viver*

*Ver na vida algum motivo pra sonhar*

*Ter um sonho todo azul*

*Azul da cor do mar.*

## RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida em duas escolas Municipais de Educação Infantil no Município de Lajeado RS. Ela surgiu de estudos e inquietações envolvendo o tema “filosofia com crianças”. Teve como objetivo verificar *se e como* a filosofia se apresenta na sala de aula por meio de entrevistas com quatro docentes e oito encontros de observações com as crianças. Durante o processo de pesquisa e investigação foram usados aportes teóricos envolvidos com o tema “filosofia com crianças”, abordando principalmente os autores Kohan (2000,2004,2005,2009) e Lipman (2001) entre outros. Percebeu-se que as professoras entrevistadas têm uma preocupação em fazer o aluno pensar sobre seus atos, fazer com que ele seja pesquisador, crítico, democrático e protagonista de sua história. Foi possível observar também que estão estudando para cada vez mais melhorar a comunidade de investigação que possuem na sala de aula.

**Palavras-chave:** Ensino. Filosofia com crianças. Protagonismo Infantil. Educação.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 O QUE É FILOSOFIA.....</b>	<b>11</b>
<b>3 O EDUCADOR COMO INVESTIGADOR.....</b>	<b>13</b>
<b>4 O PROTAGONISMO DO ALUNO.....</b>	<b>15</b>
<b>5 O DIÁLOGO COMO FERRAMENTA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM.....</b>	<b>17</b>
<b>6 A PESQUISA COMO DESCOBERTA DA FILOSOFIA COM CRIANÇAS.....</b>	<b>19</b>
<b>7 ANÁLISE DOS DADOS PESQUISADOS.....</b>	<b>21</b>
7.1 Percepção do contato com a filosofia.....	21
7.2 Postura quanto aos momentos de reflexão.....	22
7.3 Presença da filosofia, planejamento de atividades.....	23
7.4 Didática.....	24
7.5 Postura filosófica .....	25
7.6 Presença da filosofia na criança.....	27
7.7 Percepções do trabalho da filosofia com as crianças.....	27
<b>8 CONCLUSÃO.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>35</b>

**ANEXO A – Entrevista.....36**  
**ANEXO B – Termo de Consentimento livre esclarecido para os alunos.....37**  
**ANEXO C – Termo de consentimento livre esclarecido para os docentes.....38**

## 1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa refletiu-se o quanto a Filosofia pode ser atraente para as crianças desde a mais tenra idade. Elas começam a perceber tudo o que acontece a sua volta com um olhar mais atento.

Este estudo sobre Filosofia com crianças procurou descobrir se essa disciplina realmente estava acontecendo em duas escolas municipais do Vale do Taquari. As pessoas têm se questionado sobre a função da Filosofia na escola e como podemos realizar os estudos para a educação funcionar da melhor maneira. Como podemos desafiar o aluno a pensar e não se tornar um adulto passivo?

A metodologia usada nesta pesquisa foi a qualitativa, em que o método empregado foi a pesquisa de campo. As observações foram desenvolvidas com crianças de 5 a 6 anos, em duas escolas municipais do Vale do Taquari, em sala de aula. Foram realizadas quatro visitas a cada escola, sendo utilizado um diário de campo e quatro entrevistas com as docentes. Destaco os capítulos que foram descritos nessa pesquisa: no capítulo 1 há a **Introdução**, que relata sobre o corpo do trabalho em evidência. Após há o capítulo 2, que fala sobre **O que é Filosofia**, demonstrando acerca de como a Filosofia tem vários sentidos e como com ela há uma possibilidade de se tornar mais crítico e autônomo. No capítulo 3, chamado **O Educador Investigador**, pode-se perceber o quanto o professor pode ajudar a transformar uma sala de aula em uma comunidade de investigação, que é o docente e os alunos dialogar investigar, construir ideias uns com os outros. Após, o capítulo 4, denominado **O Protagonismo do Aluno**, comenta o quanto a criança precisa empregar seu próprio pensamento em suas ações, sendo protagonista de seus atos. No capítulo 5, **O Diálogo Como Ferramenta no Processo de Ensino e Aprendizagem**, discute-se que ter diálogos significativos é positivo

para a criança, pois assim ela constrói seu modo de pensar, estruturando sua personalidade, trabalhando sua autoestima, solucionando pequenas inquietudes de seu cotidiano. No capítulo 6, **A pesquisa como descoberta da Filosofia com Crianças** comenta-se sobre a metodologia, ao explicar que utilizamos diário de campo, entrevistas com quatro docentes e oito observações realizadas nas duas escolas Municipais do Vale do Taquari. O capítulo de número 7 fala sobre a **Análise das entrevistas** coletadas pela pesquisadora.

O tema desta pesquisa aborda a Filosofia com Crianças: Didáticas e estratégias de ensino desenvolvidas por docentes em duas escolas municipais do Vale do Taquari-RS.

O problema da pesquisa enfoca o tipo de trabalho realizado com a Filosofia, ou seja, Está sendo trabalhado o ensino da Filosofia nas duas escolas do Vale do Taquari analisadas.

Quanto às hipóteses, podemos destacar as seguintes:

Em algumas escolas deve acontecer a Filosofia dentro da sala de aula, mas talvez a professora nem se dê conta, que a está proporcionando para a criança;

As professoras procuram materiais em sites e livros

As professoras pensam em recursos didáticos atraentes? Para ensinar a filosofia com as crianças de 5 a 6 anos.

Quanto aos objetivos, há o geral, cuja ideia é Verificar se e como a filosofia se apresenta na sala de aula. Há, também, os objetivos específicos, os quais são: investigar a postura do professor frente aos questionamentos do aluno, na hora da reflexão sobre algum assunto; analisar se a filosofia é trabalhada com crianças de 5 a 6 anos, nas duas escolas em questão; verificar como as didáticas são abordadas e quais são as estratégias utilizadas para incentivar o pensamento filosófico.

A pesquisa apresenta, ainda, a seguinte justificativa: Quando se fala em educar, instigar, refletir e pensar sobre algum assunto interessante, com significado para a criança, logo se reporta ao professor. Está sempre cobrando postura e preocupando-se

com a aprendizagem. É alguém que educa que se dispõe, que pensa sobre a educação de alguma pessoa.

O professor precisa estar à frente dos alunos para compreendê-los no momento de aflição e fazê-los refletir durante as aulas. Deve ser apenas a ponte que leve até o ponto de encaminhá-los sobre a estrada que eles mesmos construirão.

Cada criança compreenderia melhor sua própria existência se tivesse a presença do “pensar”. Assim, compreenderia melhor seu lugar no mundo. Muitas pessoas se perguntam, e algumas não sabem como os professores instigam o aluno, onde os docentes começam e terminam seu pensar filosófico e todas essas inquietações que habitam este mundo da educação. Justificando este modo de pensar de uma sociedade no mundo contemporâneo, a Filosofia é um caminho inusitado e muito interessante para um começo de aprendizagem.

Sabe-se da importância da Filosofia no início da infância, para facilitar o seu aprendizado no futuro. O aluno que teve contato com essa ciência nos primeiros anos de vida tem mais chances de ser um adulto questionador, crítico e autônomo. A presente pesquisa busca reforçar a necessidade de um docente refletir sobre a Filosofia em suas práticas pedagógicas. O pensamento sobre o ensino da Filosofia em escolas do Vale do Taquari contribui para a adesão e a continuidade do pensar filosófico entre alunos e professores.

## 2 O QUE É FILOSOFIA

Conforme Chauí (2003), quando buscamos o que é Filosofia, ao longo do tempo descobrimos o que ela representa neste meio da educação. Um pouco adiante se depara com a ideia de que ela não tem apenas um sentido, mas vários. A Filosofia é busca é interrogação.

A Filosofia é pergunta sem resposta, ela não é determinante. A Filosofia é uma eterna caça ao saber, ao questionar, ao pensar. Kohan (2007, p.163) discute, afirmando que:

[...] a filosofia é busca, e instituir uma metodologia definitiva significaria obscurecer as outras, ou para dizer melhor, significaria negá-la, porque se configuraria como pressuposição dogmática de uma só concepção da realidade, antifilosoficamente subtraída à crítica.

Então, a Filosofia seria nossa crítica constante sobre todas as coisas do nosso cotidiano e de todas nossas vivências, nossas atuações, escutas sensíveis, sensações, percepções e afetos, sejam na sociedade, na escola, na família, enfim, em todo lugar em que nos encontramos.

Furini (2013) afirma que, ao falar sobre Filosofia, com as crianças, muitas dúvidas surgem. O educador é questionado quanto às crianças estarem aptas para a Filosofia na sala de aula. Mas, por outro lado, pode-se perguntar se as crianças estão prontas para aprender matemática, português, ciências e computação. Se as crianças estão

susceptíveis a passear pela internet, não estariam prontas para filosofar? Mas o professor filósofo deve tomar cuidado na hora do enfoque. A ludicidade deve estar presente nessa ação. Por isso deve ser uma caminhada, porque a criança também não começa a matemática pela “trigonometria”. Ela começa contando até dez e, assim, aos poucos, deve ser o início da Filosofia. Sendo assim, a criança começa a estudá-la pelo entusiasmo, perguntando sobre tudo que existe no mundo, sobre as plantas, sobre o ser humano e assim por diante. É imanente a filosofia na criança.

Para Chauí (2001), não se ouve perguntar nas escolas para que a matemática, a física, a geografia, a biologia e a psicologia, entre outras, existem. Mas todos perguntam: para que a Filosofia?

Quando a criança tem a oportunidade de ter a disciplina de Filosofia na sala de aula, encontra, com o tempo, seus próprios conceitos, desafiando-se, também, para as outras disciplinas. Segundo Fávero, Rauber e Kohan (2002, p. 104)

A filosofia oferece às crianças e jovens a oportunidade de discutirem conceitos, tal como o de verdade, que existem em todas as outras disciplinas, mas que não são abertamente examinados por nenhuma delas. A filosofia oferece um fórum no qual as crianças e jovens podem descobrir, por si mesmos, a relevância, para suas vidas, dos ideais que norteiam a vida de todas as pessoas.

Com a Filosofia presente, a sociedade se transforma e se supera, bem como uma criança em transformação que, a cada dia, aprende mais e, a cada passo, compreende melhor o que realmente deseja. Para Kohan (2000, p.120), “a filosofia tem um compromisso com a transformação social. Não cabe à filosofia sinalizar os caminhos dessa transformação, mas contribuir para elucidar e compreender as obscenidades da atual sociedade neoliberal globalizada, bem como para pensar as condições de possibilidade de sua superação”.

Quando refletimos sobre Filosofia, deve-se abrigar em nosso pensamento, o que é expressivo. Do contrário, não terá o mesmo êxito. Segundo Kohan (2009, p.208), “Assim, pode-se compreender a filosofia como atividade investigativa que consiste no aprendizado de si mesmo em relação à totalidade alcançável em uma existência própria”.

### **3 O EDUCADOR INVESTIGADOR**

Pesquisar faz as pessoas sábias empreendedoras de sua própria caminhada. Faz pensar sobre suas ações e conhecimentos prévios. A criança nasce em meio à comunicação e, de imediato, caminha para a autonomia cada vez mais cedo. Isso a leva a se tornar responsável pelos seus atos e, acima de tudo, ser um ser pensante. Conforme Lipman (2001), o docente deverá usar estratégias de ensino. Assim o aluno pode dominar os processos como ouvir, ler, falar, escrever e raciocinar. Com a presença da Filosofia, o aluno se torna mais comprometido e terá resultados mais significativos no aprendizado.

O educador pode ser um habilidoso investigador ao passar para a criança a arte de pensar sobre suas experiências e emoções e tornar a sala de aula um ambiente acolhedor, onde essa criança possa se sentir bem. Kohan (2004) pensa que a comunidade de investigação não é apenas um encontro formal, mas um espaço que consegue despertar na criança seu pensar sobre os valores, tradições, respeito pelos outros e ideais que planeja para si.

A postura do educador dentro da escola nos faz pensar sobre como a criança espelha-se neste profissional, ao imitar pequenos gestos e falas. A escola hoje não ensina apenas conhecimento, educa para a vida. Ela incumbe os alunos a se tornarem cidadãos mais críticos, produtivos e capazes de ter o direito ao voto consciente.

O educador, na sala de aula, atuando com ações filosóficas, deixa o aluno refletindo sobre certo assunto. Desse modo, o aluno escolhe o que é melhor para si naquele instante. Lipman (2001) afirma que a filosofia no Ensino Fundamental

providencia um espaço em que a criança pensa sobre seus atos. Neste meio tempo, ela se abastece com os valores que lhe são passados na escola e que, certamente, levará para a vida.

No modo de pensar a Filosofia, junto ao aluno, o professor deve provocar uma investigação, começando com as hipóteses dos discentes para depois chegar aos resultados. Como diz Kohan (2007, p. 153):

O docente deve ser uma pessoa habilitada a mover-se na paisagem das ideias, um guia que não ofereça soluções em uma investigação que é, por essência, uma investigação pessoal. Pode, no entanto, tornar a viagem mais rica e profunda ao introduzir ideias relevantes derivadas de várias fontes filosóficas; descobrir assunções ocultas que a criança dá por descontadas; propor possíveis aplicações; ajudar a formular e a resolver problemas; acompanhar o jovem em sua viagem pessoal “na rede de ideias que subjaz ao horizonte da existência humana”.

Conforme Lipmann (2001), o educador questiona, propõe, investiga e explora os conhecimentos prévios do aluno durante a prática na aula. Essa ação tem, com certeza, um significado no aprendizado dessa criança.

Para Kohan (2005), o professor e o aluno devem seguir a mesma linha de pensamento, colocando em questão o assunto a ser abordado. Porque, caso contrário, não será tão relevante para todos que estão vivenciando a Filosofia naquele momento. Se este pensar do aluno não se ater ao devido raciocínio e julgamento, esta reflexão será apenas uma perda de tempo. Conforme Nietzsche (2001 p.120) “É difícil aprender o que é um filósofo, porque isso não se pode ensinar: há que sabê-lo por experiência [...]”

De nada adianta a escola estar pronta para receber a disciplina de Filosofia se o professor que administrará essa ação não estiver apto. Fávero, Rauber e Kohan (2002) falam que essa transformação não ocorre como uma “mágica”. É necessário que a Filosofia crie asas e capacite seus docentes para que eles tenham suas próprias vivências dentro da investigação que lhes permite aprender cada vez mais.

De acordo com Kohan (2005), alguns profissionais das escolas atuais não sabem para que fim estejam educando as crianças. O sensato seria questionar as crianças sobre o que, afinal, elas querem aprender. A escola simplesmente está podando os alunos de, talvez, terem apenas a chance de sonhar com um futuro diferente.

## 4 O PROTAGONISMO DO ALUNO

A criança precisa empregar seu próprio pensamento em suas ações, expondo-se com seu professor e, principalmente, sendo protagonista de seus atos dentro de sua própria concepção como ser humano. Kohan (2005 p. 187) diz que: “É por tudo isso que não pode haver educação, verdadeiramente formativa, sem a participação, sem o exercício e o cultivo da filosofia, em todos os momentos da formação das pessoas.”

A criança, desde muito pequena, passa a entender o que queremos dela e a compreender boa parte da nossa fala. Portanto, o ensino da Filosofia para crianças é relevante desde a escola fundamental. Como afirma Kohan (2005, p. 189): “Parece, então, totalmente acertada a proposta de ensino de filosofia para crianças, desde os tempos da escola fundamental, pois toda criança é sensível à justificação, ou seja, não só é capaz de pensar, mas também de compreender o pensamento”.

Ao pensar junto com a criança e mostrar quais as consequências disso, ela poderá escolher o melhor caminho. Lipman (2001, p. 218) afirma que “Elas estão tão conscientes quanto o professor que mentir roubar ou bater são atos condenados por adultos como errados e talvez não discordem deste julgamento. O problema é evitar fazer o que consideram ser errado”.

Kohan (2005) diz que quando a criança chega à escola, traz sua cultura, crenças, valores e tudo em que ela acredita. Isso é resultado do que ela absorveu na sua família. A prova disso é que a voz mais forte, muitas vezes, não é a do professor, porque ali se misturam várias tradições, cada qual com suas realidades. Kohan (2005, p.158) diz que “É preciso reconhecer, portanto, que, independentemente da vontade ou da consciência

do professor, já existe uma doutrinação pesando sobre a criança e também sobre ele, [...]”.

Conforme as diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (9.394/96) as propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar princípios éticos, que dão autonomia, respeito e solidariedade para o aluno, para que este conviva com diferentes culturas, identidades e singularidades. Assim, ele vai refletir como ser humano, com suas diferenças, sem preconceitos, pensando que cada indivíduo possui sua maneira de se relacionar e de pensar e que tem seu valor singular perante a sociedade, no sentido de que devemos compreender a todos sem distinção.

A criança precisa da Filosofia para não se tornar um cidadão conformista. Kohan (2000, p. 55 e 56) comenta que “sem prática da filosofia, as crianças não poderiam ser cidadãos críticos, reflexivos e atenciosos, e a democracia não pode crescer onde há cidadãos acríticos, não reflexivos e pouco atenciosos”.

Conforme Kohan (2000), a escola precisa de uma proposta que faça com que o aluno entenda esse processo de aprendizagem filosófica. O professor e o aluno devem defender essa prática de educação dentro da sala, participando da escolha de materiais criativos e escolhendo, juntos, o método mais adequado para uma melhor comunidade de investigação. De acordo com a leitura de Kohan pode-se pensar que esta “comunidade de Investigação” poderá ser um docente com os alunos em uma sala de aula, que investigam, dialogam e constroem ideias uns com os outros.

O aluno se dedica aos conteúdos para a hora da aplicação dos testes, mas, às vezes, logo depois, esse conteúdo perde o significado. Lipman (2001, p. 152) expõe que “os conhecimentos que adquirimos nas escolas, acreditam os alunos, não são relevantes para a vida; são relevantes somente para os testes que nos impedem ou permitem entrar na vida”. Existem muitos tipos de conhecimentos, não somente os didáticos. Há também maneiras de mostrar à criança que temos grandes conquistas e, em cima destas, podemos construir conhecimentos. Lipman (2001, p. 152) diz que “Os defensores das escolas e seus críticos alegam basicamente que o objetivo da educação é ensinar conhecimentos. Não se considera que grandes universos de conhecimentos existem e que estes podem ser resumidos e transmitidos para os alunos”.

## **5 O DIÁLOGO COMO FERRAMENTA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Como diz Kohan (2007), o discurso educacional está repleto de desejos e boas intenções. A “filosofia para crianças” sonha com a democracia, transformando crianças em adultos responsáveis. Somente assim poderão realizar seus próprios julgamentos e escolhas.

Quando acontece o diálogo e a investigação dentro da escola, abrem-se portas para as crianças. Kohan (2000) compreende que elas percebem-se mais autônomas, expansivas, e todos só têm a ganhar um futuro com mais democracia, abertura e justiça.

Kohan (2004) diz que, ao investigar e pensar com a criança, a Filosofia torna-se uma disciplina mais agradável e significativa para ela. Pode-se obter um resultado mais interessante em todas outras disciplinas, ao ganhar como sustentação o diálogo e a compreensão. O aluno torna-se capaz de superar as dificuldades em várias áreas futuras de estudo, superando-se.

Ter diálogos significativos desde sempre, foi positivo para a criança. Ela constrói seu modo de pensar, estruturando sua personalidade, trabalhando sua autoestima, solucionando pequenas inquietudes de seu cotidiano. Kohan, Sharp, Leal, Kennedy (2004, p. 122) deixam claro que:

Uma comunidade de investigação na sala de aula é um grupo de crianças que investigam juntas sobre questões problemáticas comuns de uma maneira tal que as faz construir ideias a partir das ideias umas das outras, oferecer contra exemplos umas às outras, questionar as inferências umas das outras e encorajar umas às outras a gerar visões alternativas e soluções para o problema tratado, além de seguir com a investigação para onde quer que ela leve.

Em uma comunidade de investigação na sala de aula, a criança questiona, interroga, critica e vivencia o diálogo propriamente dito, encontrando seus próprios conceitos, expondo seus pensamentos, permitindo-se e redescobrimdo-se. Tornando-se, assim, um pesquisador desde pequeno.

Conforme Lipmann (2001, p.368):

A comunidade de investigação é a sementeira necessária para o cultivo da filosofia na escola primária, pois ela intermistura a preocupação crítica com a justiça e o impulso criativo em direção ao interesse e à atenção. Ela gera o respeito tanto pelos princípios quanto pelas pessoas, fornecendo, deste modo, um modelo de democracia como investigação.

Essa semente de investigação, cultivada e produzida em terreno fértil junto à Filosofia com crianças, pode ser muito interessante e produtiva com crianças pequenas.

Kramer (1997, p.19) acredita que a “proposta pedagógica sempre contém uma aposta, não sendo um fim, mas um caminho que se constrói no (ou ao) caminhar.” A cada dia as crianças vão se superando, melhorando seu estágio de cognição. Nenhum dia é totalmente igual ao outro quando são viradas as páginas do livro da aprendizagem, ou seja, cada dia não é apenas um dia a mais, mas um dia pleno de realizações pedagógicas e experiências novas.

## **6 A PESQUISA COMO DESCOBERTA DA FILOSOFIA COM CRIANÇAS**

A metodologia utilizada nesta pesquisa teve a intenção de traçar alguns passos referentes a realização da pesquisa, o que exigiu do pesquisador alguns conhecimentos prévios, tais como leituras e estudos referentes ao assunto a ser pesquisado. Nesse sentido, pensando em continuar esse processo de pesquisa, é preciso descobrir cada vez mais caminhos em direção à aprendizagem, à investigação. Segundo a definição de Gil (2007, p.1):

Pode-se definir pesquisa como um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema .

Com as mudanças e transformações pelas quais o mundo está passando, somos motivados a atentar a todos os conhecimentos que chegam, filtrando possibilidades, sem afirmar certezas. A incerteza discutida parece se articular às ideias de Costa e Bujes (2005, p.7), quando os autores argumentam: “Pesquisar nas fronteiras significa suspender todas as certezas, abdicar das rotas seguras e perder-se em regiões pantanosas na expectativa de que tudo isto seja bom para pensar, para fecundar ideias e projetos”. A partir disso, é possível questionar: como seria pesquisar nas fronteiras? Como seria abdicar das rotas seguras? Como seria perder-se em regiões pantanosas? Deve-se pensar em sair da zona de conforto?

Pesquisar é saída de casa, ou seja aberta ao estranho, ao desconhecido.

Esta pesquisa foi realizada seguindo uma metodologia de cunho qualitativo, o qual, para MINAYO (2000, p.57) representa “[...] o que se aplica ao estudo da história das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem”. Para GOLDENBERG (2007, p. 53) o método qualitativo consiste “em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos [...] existindo regras precisas e passos a serem seguidos. O bom resultado da pesquisa depende da sensibilidade, da intuição e da experiência do pesquisador”. Assim, ao que parece, a pesquisa de cunho qualitativo fala da posição em que o pesquisador se encontra ao mesmo tempo em que requer regras a serem seguidas, para que se chegue a algum lugar.

Um aspecto importante a ser destacado em relação à pesquisa qualitativa refere-se à observação participante. De acordo com MINAYO (2007), tal observação é tão fundamental, que alguns estudiosos a tomam como um método que tem a intenção de compreender a realidade, para além de tomar a observação participante como uma estratégia no conjunto da investigação.

Sobre a abordagem qualitativa, foi especificada com fundamentação teórica, a partir de livros, sites e materiais impressos. Quanto aos autores que embasaram a presente pesquisa, Kohan e Lipman serão os mais relevantes em relação aos assuntos abordados.

Ainda sobre a pesquisa qualitativa, ela possui várias divisões. Dentre elas, a Pesquisa de Campo, que foi o método usado nessa pesquisa. Para fins de explicação, tal método implica um sujeito pesquisador que não é neutro (MINAYO, 2007). A ausência de neutralidade mostra que o simples fato de o pesquisador estar no local da pesquisa já movimenta tal espaço. Como ferramentas utilizadas, destacam-se: diário de campo, que permitiu à pesquisadora descrever suas percepções a respeito das observações realizadas com as docentes; entrevistas estruturadas, realizadas com as docentes, bem como gravadas em horários alternativos aos das observações (ANEXO A).

## **7 ANÁLISE DOS DADOS E SUAS RESPECTIVAS CATEGORIAS**

Analisando e refletindo sobre os resultados obtidos a partir das entrevistas gravadas com quatro docentes, pudemos perceber algumas implicações na presença da Filosofia em sua prática docente. Para preservar a identidade dos docentes, eles passarão a ser identificados da seguinte forma: professor A, professor B, professor C, professor D. Com base na fala dos professores, colhemos um material que veio agregar e enriquecer a presente pesquisa. É importante ressaltar que dois dos docentes estão concluindo a pós-graduação em orientação educacional, um deles é estudante de Pedagogia e de Biologia, e outro apenas de Pedagogia. Os dados coletados foram divididos em categorias: 1) Percepção contato com a filosofia 2) Postura quanto aos momentos de reflexão 3) Presença da filosofia, planejamento de atividades 4) Didática 5) Postura filosófica 6) Presença da filosofia na criança 7) Percepções das docentes sobre o trabalho da filosofia com as crianças.

### **7.1 Quanto ao Contato com a Filosofia do docente**

Ainda que não se conheça muito de perto a Filosofia com crianças, geralmente já se escutou alguém falando sobre ela, ou mesmo já se assistiu a alguém filosofando algo. Muitas pessoas não percebem suficientemente a presença da Filosofia em suas vidas. Mas ela muitas vezes está presente em nosso dia a dia, nas pequenas coisas que se realiza, e nem se percebe. Ela pode estar em um pensamento, seguido de uma reflexão, ou quando se reflete sobre algo. Enfim, quando se apresenta nossa própria opinião, quando se escolhe o que se quer falar e se aposta no discurso proferido. Assim, pode-se

pensar que a Filosofia está intrínseca a nossa vida e que não há como fugir dela, o que é possível articular a alguns comentários das entrevistadas:

*“[...] o curso de pedagogia oferece e eu acho que nossa vida também é uma filosofia [...]” (entrevista professor B)*

*“[...] durante a minha graduação eu tive disciplinas da filosofia da educação tive a 1 e a 2” (entrevista professor A)*

*“Só nas matérias propostas em que foram feitos na graduação [...] eu queria poder trabalhar mais, saber mais, porque eu acho [...] que como qualquer outra intervenção ela é importante, mas a gente sabe também [...] na nossa formação ela é muito pouco [...]” (entrevista professor C).*

Observa-se que as docentes tiveram maior contato com a Filosofia durante a graduação. Nesse sentido, é possível pensar que todos podem fazer Filosofia, pois instigar e motivar as crianças a pensar já é um modo de se fazê-lo. Isso porque, se atentarmos para as entrevistas realizadas com as docentes, a Filosofia foi comentada como algo relevante na sala de aula. Além disso, essa disciplina pode tornar a criança responsável por seus atos, transformando-a em um cidadão crítico.

## **7.2 Postura quanto aos Momentos de Reflexão**

O professor é o mediador em todos os momentos em uma sala de aula, fazendo com que o discente pense sempre um pouco mais sobre seu questionamento, para que ele próprio chegue ao resultado, caminhando com suas próprias pernas. Como refere Borba (2008, p.319), “O que importa no diálogo não é a resposta a uma pergunta, e sim a investigação das formas de pensamento, para daí se poder extrair uma compreensão articuladora própria e apropriada”. Tal ideia parece se aproximar da fala de alguns docentes:

*“[...] se a criança vem e faz algum questionamento, a gente está discutindo algum assunto e ela questiona e eu pergunto, procuro fazê-la pensar naquilo que ela perguntou [...] pensar naquilo que estavam perguntando e aí geralmente, senão a própria criança os colegas chegavam a uma resposta [...]” (entrevista professor A)*

No trecho acima percebe-se que o professor usa de sua experiência, fala ao aluno, pensa junto com ele, para que o mesmo questione e compreenda o fato que está

sendo analisado por ambos, ou seja, assimile o que foi questionado.

*“[...] quando tu trabalhas com a educação infantil, tudo é novidade, tudo é novo, eu acho que é ali que você larga a sementinha desse ser crítico, pesquisador, dele querer ir além de conhecer as coisas também porque ele vai se construindo, então quanto mais ele buscar por ele as respostas que ele tanto procura, mais feliz ele é, só que o professor deve ter bem claro, dentro da proposta dele [...] tem que mediar que ele realmente chega a esse fim, que a educação lhe propõe [...]” (entrevista professor C)*

A professora C comenta sobre a importância de deixar a sua “sementinha”, para que a criança a cultive, a cada gotinha de aprendizagem, a cada dia, a cada pensamento, a cada reflexão. Neste momento talvez a criança nem perceba o quanto ela já é capaz de exercitar seu próprio pensamento, mas com o passar do tempo ela vai perceber o quanto pode conduzir seu caminho e tudo que ela quer conquistar de bom.

A proposta da Filosofia, se nos basearmos nas falas das entrevistadas, auxilia todas as outras disciplinas, pois torna os alunos “pensantes” e críticos. Ou seja, pode-se pensar que a criança que teve “filosofia com crianças”, no momento em que a professora propuser algo, irá questionar e pensar sobre, bem como perguntar: por que professora? Isso será bom para o aluno, que será questionador, mas também para a professora, que irá questionar sua própria prática. A Filosofia, assim, poderá instigar o discente a buscar que ele realmente deseja saber.

### **7.3 Presença da Filosofia, Planejamento de Atividades**

Além das entrevistas, a observação de duas escolas também propiciou a vivência da “filosofia com as crianças”. Em uma das escolas visitadas, a docente instigou os alunos a falarem sobre algo que enxergam em toda parte. Fez com que pensassem sobre tudo que os rodeia, e aos poucos começaram a falar o que estavam pensando. Ela lhes deu espaço, o espaço que eles mesmos conquistaram.

As provocações da docente levaram a respostas de todo tipo, tais como: *mãe, chocolate, amor, música*. E, de repente, uma menina falou: *“são as cores, professora”*. Como nos fala Kohan (2007, p.151 e 152): “Ouvir as crianças significa concentrar-se na

fala delas, estar realmente interessado no que dizem. A escuta não é recepção passiva, mas disciplina interior, coragem de ser e de confrontar-se”. A ideia do autor faz pensar que o docente que tiver essa sensibilidade está no caminho para trabalhar com a presença da Filosofia em seu planejamento. Ouviu-se então uma explosão de ideias das crianças, as quais questionaram o esmalte da professora, que era *rosa pink*. Pôde-se perceber, a partir das impressões da pesquisadora, o quanto a presença marcante da Filosofia em aula é algo único. Pensando com Kohan (2009, p.208): “[...] pode-se compreender a filosofia como atividade investigativa que consiste no aprendizado de si mesmo em relação à totalidade alcançável em uma existência própria”.

Constata-se o quanto é relevante a atenção que a docente emprega nesse pensamento do planejar junto ao aluno. Também percebe-se como a criança precisa dessa atenção e desse questionamento para ocorrer o aprender a aprender.

*[...] todos os dias eu tento propor alguma situação diferenciada, onde eu possa conversar com as crianças e dialogar com elas, fazer essa troca levar elas a pensar sobre aquilo que fizeram por que fizeram como poderia ser diferente refletir sobre seus atos [...] (entrevista professor A)*

A “troca” que a docente cita em sua entrevista é vista por ela como primordial, pois, quando a criança pergunta, o docente poderá pensar junto com ela. Esse momento de troca torna-se um rico argumento para que essa criança continue a investigar, a instigar e a tirar o máximo proveito na hora da aprendizagem, experiência que a fará chegar ao resultado simplesmente pelo seu próprio esforço.

#### **7.4 Didática**

Quando a pesquisadora observou o professor “A”, no dia 12.08.2013, ele começou a contar a história “O Ratinho, o Morango vermelho e o grande urso esfomeado”, de autoria de Audrey Wood, ilustrada por Don Wood. Depois da narração, questionou sobre como é o morango, bem como se os alunos lembravam a forma, a espessura e a cor de tal fruta. Eles começaram a dar suas opiniões, dizendo que o morango cresce na árvore. Alguns falaram que achavam que a planta ficava na terra “sobre o solo”. E um outro colega falou que sua cor era vermelha. A professora perguntou se alguém já havia visto a planta do morango, ou se alguém a teria em casa.

Um menino disse que tinha a planta em casa. Ele explicou aos colegas que ela nascia no chão e ele achava que ela ficava andando pelo chão. Enfim, descobriram juntos que o morango é uma planta que “rasteja”, que é vermelha e que sua forma é arredondada.

Como comenta Kohan (2005, p.164), “O que o trabalho com a filosofia para crianças requer do professor, na verdade, não é o domínio de conteúdos específicos de filosofia, mas sim capacidade de utilizar corretamente a metodologia e o material didático.” O professor realmente precisa continuar exercendo seu papel de provocador do conhecimento de novas táticas de ensino, facilitando e monitorando a aprendizagem filosófica.

Após, a professora começou a narrar palavras que os alunos não conheciam, como *aroma*, o que possibilitou às crianças a descoberta de que essa palavra, até então tão diferente, queria dizer “cheiro”. A professora ficou perguntando: O que tem cheiro? Como o sentimos? Os alunos associaram seus questionamentos ao perfume e ficaram se cheirando. (observação da pesquisadora na sala da professora A em 12. 08.2013)

Analisando essa observação, é possível articulá-la à ideia de Kohan (2005, p.154): “A função do professor passa a ser, então, a de acompanhar e vigiar o desempenho lógico dos alunos, atuando como facilitador e orientador das discussões através das quais ocorre a aprendizagem do pensar”. Essa aprendizagem permanece na vida diária da criança, permitindo o aprender de todas as formas e estratégias possíveis.

*[...] no momento que tu permite que eles digam o que tão vendo”? Como estão vendo? É um jeito de filosofar sobre o que tu propões. (entrevista professor C).*

*[...] tu sempre vai ter que os fazer refletir sobre um pouco de tudo no mundo. [...] (entrevista professor D).*

Então, percebemos que a função do professor é estar atento aos mínimos detalhes daquilo que a criança comenta. Deixar que ela se posicione sobre suas investigações e descobertas, no cotidiano da sala de aula, no pátio ou em qualquer outra vivência dentro da escola.

## **7.5 Postura Filosófica**

Durante outra observação realizada, em 14.08.2013, um aluno de uma das escolas questionou sobre o fato de estar saindo fumaça<sup>1</sup> de sua boca. A professora inicialmente perguntou como ele percebeu isso. O aluno ficou olhando, sem resposta. Depois de algum tempo, a professora respondeu que era porque a temperatura do ambiente estava muito fria, e o ar de sua boca muito quente, o que causa o impacto com o frio e o quente, que automaticamente se transforma em fumaça, ou melhor, ar quente. Porque esse “frio intenso” é típico da região Sul. A partir dessa observação, que a professora em questão sempre faz os seus alunos pensarem de início, mas depois oferece sua resposta. Ou seja, ela não os deixa apenas com as hipóteses, ela lhes mostra: **De onde veio? Por que é assim? Como poderia ser?** Satisfeito com a colocação da professora, o menino ficou pensando sobre o ocorrido. Como Fávero argumenta (2002, p.127):

A própria vivência consistirá em um novo ponto de referência, de onde, então, pelo diálogo, poderemos construir conhecimento e filosofar com elas, pois filosofar com as crianças implica aprender, aprender com elas, aprender sobre o modo como elas aprendem, aprender a ouvi-las e a ouvir a nós mesmos, desde a distensão de nossas memórias, bem como de suas próprias vivências.

Logo, dialogando com as crianças podemos de imediato, perceber como elas se situam e pensam sobre o cotidiano, aprendendo a escutar o outro. Isso acontece com o experienciar da criança.

*“olha eu procuro sempre ser assim coerente com minha prática [...] me por no lugar da criança para ver como ela está se sentindo, para que eu possa responder da maneira mais correta possível”. (entrevista professor C).*

*“A gente sempre tenta abordar a realidade de como é e dependendo das questões a gente também diz que vai pesquisar juntos para tentar descobrir da onde surgiu aquilo como é aquilo, para eles entenderem mais fácil.” (entrevista professor D).*

A partir da fala da professora D, acima mencionada, pode-se pensar que, no momento em que o professor pesquisa com o aluno, é algo importante, pois como é possível compreender alguém sem saber o que ele quer saber? Essas informações são bem relevantes uma vez que permitem que se conheça melhor essa criança. Pensando

---

<sup>1</sup> A fumaça é consequência de um processo de combustão, ou seja, do fogo ou reação similar. Nesse caso, trata-se de ar aquecido e vapor.

dessa maneira poderá nascer uma comunidade de investigação, de compreensão, de conhecimento e de escuta.

## 7.6 Presença da Filosofia na Criança

As entrevistas e observações fazem perceber que a criança já nasce filosófica, questionando a tudo e a todos. Além disso, com sua curiosidade, arremata todos os questionamentos possíveis, deixando os adultos perplexos com suas habilidades de investigação. A criança, por exemplo, fica maravilhada quando encontra algo da natureza, de que ela não teve conhecimento ainda, como comenta a professora entrevistada abaixo:

*“acredito que seja muito importante e relevante porque a filosofia faz parte da vida das crianças porque elas ficam maravilhadas com o passarinho que voa no céu, com uma florzinha que encontram no pátio” (entrevista professor B).*

As docentes entrevistadas parecem mostrar os caminhos para a criança e, ao mesmo tempo, driblar o próprio cotidiano para reunir formas e estratégias aventurando-se no mundo da imaginação, cada vez mais rico, que a criança oferece na hora de filosofar e de compor seu próprio pensamento.

*É muito importante porque se a gente começa trabalhando com eles desde pequenos que nem na educação infantil, com certeza quando eles forem adultos eles vão ser pessoas mais críticas, eles vão buscar mais, não vão se satisfazer com qualquer resposta, eles vão querer sempre buscar saber mais coisas. (entrevista professor D).*

Como seria importante que as crianças, desde pequenas, tivessem a sua própria autonomia. Ou seja, que não se calassem e não temessem discussões, conquistando, desse modo, seus direitos diante de tudo que acontece em seu dia a dia.

## 7.7 Percepções das docentes sobre o Trabalho da Filosofia com as Crianças

As docentes entrevistadas trabalham a Filosofia com as crianças no que se refere a trabalhar os conflitos, as alegrias, as inseguranças, as situações que todo docente enfrenta em seu dia a dia.

*“Assim, eu sempre tenho em mente que qualquer conflito, qualquer situação que surja com a criança, porque a filosofia é fazer a criança pensar nas atitudes dela, o reflexo que isso tem diante dos colegas então eu procuro sempre que acontece alguma situação sentar com a criança conversar com ela sobre o que aconteceu e fazê-la pensar sobre aquela atitude o reflexo que aquilo tem com diante da turma e diante dos colegas e como ela gostaria que isso acontecesse com ela ou não gostaria enfim se pra fazer ela pensar como ela reagiria se alguém agisse assim com ela. Enfim se pra fazer ela pensar como ela reagiria se alguém agisse assim com ela” (entrevista professor A).*

Qualquer situação em que a docente fizer com que seu aluno aprenda a pensar é importante, porque ele passa a compreender melhor o sentido de tudo. Kohan (2005, p.104) parece se aproximar das ideias acima:

Se queremos propiciar a experiência da filosofia à escola, é preciso que as crianças e professores perguntem e se perguntem”. Que eles tracem seus problemas, inventem seus sentidos e sigam uma linha problematizadora. Se eles não se colocam em questão, se o seu perguntar não se origina na sua própria inquietação, nos signos que lhes são significativos; se ele não se prolonga no seu próprio pensar, então estarão apenas mimetizando uma interrogação externa.

As professoras entrevistadas nos reportam a uma preocupação das docentes com as crianças, o quanto elas também se questionam e refletem sobre seu dia a dia. Outras questões são: como elas pretendem reforçar a Filosofia; A cada pensamento abordado pelos alunos, a cada frase comentada, a docente precisa sempre estar vinculada ao pensar deles, compreendendo de que maneira ela exterioriza suas reflexões e como ela realmente emprega essa filosofia no momento da aprendizagem. A professora deve estar sempre atenta a tudo que escuta sobre as inquietações dessas crianças, ou seja, estimulá-las, para começar a cada dia um novo dia, pensando sobre ser protagonista de sua caminhada.

*“Acho muito importante porque assim vai instigar eles a vida toda, para buscar se a gente der tudo pronto para eles não vão se sentir estimulados a procurar, ou até de se sentir importantes em descobrir alguma coisa, então a gente deve ajudar eles como mediadores, não entregando tudo pronto para eles.” (entrevista professor D).*

*“Acredito que é assim que a gente vai formar um adulto pensante e que não espera que as coisas venham prontas ele vai à busca daquilo que ele quer fazer” (entrevista professor A) .*

*“Eu acho que é a forma mais sublime de tu ensinares, e permitir que ele investigue” (entrevista professor C).*

*[...] “elas já convivem nesse meio, acompanhando seus pais, então não só em casa como na escola, também tem que investigar propor as crianças a investigar sobre tudo que elas têm curiosidade. Para ela se tornar uma pessoa mais crítica, depois um cidadão com respeito ao próximo.”(entrevista professor B).*

Pôde-se observar que as docentes entrevistadas estão fazendo Filosofia com crianças na sala de aula e, por vezes, não estão percebendo o quanto estão ajudando seu aluno a despertar o espírito crítico, a ser mais inteligente, mais democrático e muito mais feliz. Observando o comportamento das crianças das escolas visitadas, pôde-se perceber que as professoras estão cultivando o fazer Filosofia com crianças. É provável que os frutos sejam colhidos pelos que trabalharão com esses novos alunos investigadores que teremos nos anos vindouros. Quem sabe empregarão a Filosofia em sua vida, no dia a dia com suas famílias, filhos, vizinhos, colegas de trabalho, entre outros, essa prática da procura do conhecimento, da ação da parceria e da comunidade que pensa e dialoga.

Seguindo o pensamento de Lipman (2001, p.159) ainda podemos concordar com ele ao sustentar que: “Temos que aprender a ensinar as crianças a pensar por si mesmas se desejamos ter uma democracia que vale a pena ter. O indivíduo pensante é tão importante quanto a sociedade que questiona [...]”.

Considerando uma sociedade que questiona e pensa, podemos refletir sobre isso, levar o aluno a ser mais crítico, justo e perseverante em suas decisões futuras.

## 8 CONCLUSÃO

Quem passou pela Filosofia poderá ter um olhar diferenciado do mundo e das pessoas, porque há a possibilidade de ajudar em uma transformação dos sujeitos, no sentido de levar as pessoas a fazerem um pouco mais, desnaturalizarem o mundo. Que bom seria se todos os “condutores” dessa nação tivessem passado por uma valiosa experiência, lá atrás, numa 1ª série, usufruindo desse momento filosófico porque a prática do filosofar podem nos tornar mais autênticos.

Quanto às docentes entrevistadas, percebe-se que elas instigam os alunos, e pode-se pensar que elas querem que o aluno de hoje seja crítico e questionador. Mas, elas ainda não perceberam as pequenas mudanças que estão sendo realizadas no cotidiano dessas crianças.

A Filosofia, para muitos professores, ainda está em fase de lactação, porém, com o passar do tempo, há a possibilidade de se criar indivíduos pensantes. É preciso questionar. Pode demorar, mas é possível pensar que chegará o dia em que muitos adultos tenderão a pensar mais sobre tudo e poderão levar as crianças a seguir seus exemplos, valorizando as pequenas coisas.

No momento das gravações das professoras entrevistadas, elas questionaram a pesquisadora quanto à dificuldade do tema. Naquele momento pude perceber o quanto o docente ainda tem certa timidez em relação ao assunto Filosofia. Percebi que a maioria das minhas hipóteses tomou corpo e, de certa forma, elas foram contempladas, uma vez que percebi que em algumas escolas acontece Filosofia dentro da sala de aula, mas

a professora nem percebe que a está proporcionando para a criança. Outra hipótese remete ao fato de as professoras trabalharem com recursos didáticos atraentes, e a última refere-se às professoras encontrarem materiais sobre Filosofia em sites e livros. Essa hipótese não se confirmou, pois as docentes trabalham o tema a partir do pensar em meio às situações de aprendizagens. Não pesquisam especificamente no dia-a-dia em sites e livros.

O objetivo da presente pesquisa era verificar *se e como* a Filosofia se apresenta na sala de aula. Percebeu-se que ela está presente em vários momentos e nas situações que as docentes propõem. Ela aparece quase o tempo todo, mesmo que em algumas ocasiões não seja reconhecida como tal, porque as docentes tomam os questionamentos como mera pergunta e resposta. Mas Filosofia também pode ser isso, perguntar, responder, criticar, pensar, e repensar tudo na sala de aula.

Sobre o problema dessa pesquisa, ou seja, “Como está sendo trabalhado o ensino da filosofia em duas escolas do Vale do Taquari”?, percebe-se que a Filosofia com crianças está presente em certas situações, encaminhando-se cada vez mais para o pensamento crítico e livre de cada ser humano, que é formado através de estratégias filosóficas dentro de sala de aula. É grande a satisfação ao ver que as professoras estejam se preocupando com questionamentos, reflexões, conversas, buscas e escutas no cotidiano da criança.

Ao observar as turmas, pôde-se perceber a preocupação das docentes na hora da aprendizagem, pois nas observações pôde-se perceber que as docentes não paravam de repetir, perguntar, argumentar, até dar o “clic” na criança. Elas não são apenas professoras, elas são mentoras da transformação.

Esta pesquisa foi muito significativa, me fez pensar muito sobre tudo que acredito, que devemos, tentar transformar a criança em um ser pensante, pois quanto mais o ser humano pensa, mais ele tem coragem de agir, de corrigir, de criticar. Eu sempre apreciei as aulas de Filosofia, de pensar, de saber por que é assim e não de outro jeito. Também porque, em alguma fase de nossas vidas, somos todos filósofos, mesmo não sendo especialistas.

Como ponto fundamental, destaca-se que as docentes entrevistadas discutem, questionam e refletem ao usarem a Filosofia, fazendo com que as crianças pensem no

que estão perguntando sobre seu cotidiano, como ficou evidenciado nas entrevistas feitas.

## REFERÊNCIAS

CHEMIN, Beatriz, Francisca. **Manual da Univates para Trabalhos Acadêmicos: planejamento, elaboração e Apresentação.** Lajeado RS: Editora Univates, 2ª Edição, 2012.

CHUAI, Marilena. **Filosofia.** São Paulo: Editora Ática, 2001.

\_\_\_\_\_. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Editora Ática, 2003.

COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (org.) et al. **Caminhos Investigativos III: Riscos e Possibilidades de Pesquisar nas Fronteiras.** Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Que é Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

FÁVERO, Altair et al. **Um Olhar Sobre o Ensino de Filosofia.** Ijuí: Unijui, 2002.

FURINI, Isabel F. **Filosofia com Crianças: Uma Matéria Perigosa?** Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=1887/>> acesso em maio 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** São Paulo: Editora Atlas S.A, 4ª edição, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar.** Como Fazer Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais. 10ª Edição. Rio de Janeiro. São Paulo: Editora Record, 2007.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia.** 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

KOHAN, Walter Omar. **Infância Estrangeiridade e Ignorância: Ensaios de Filosofia e Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

\_\_\_\_\_. **Infância Entre Educação e Filosofia.** Belo Horizonte: Autêntica 2005.

\_\_\_\_\_. **Ensino de Filosofia.** Belo Horizonte: Perspectivas. Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_. **Filosofia para Crianças.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KOHAN, Walter Omar; SHARP, Ann Margaret; LEAL, Bernardina; KENNEDY, David et al. **Lugares da infância:** Filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KOHAN, Walter Omar; XAVIER, Ingrid Müller (orgs). **Abecedário de Criação Filosófica.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

KRAMER, Sonia. **Propostas Pedagógicas ou curriculares:** Subsídios para uma leitura crítica. Revista Educação e Sociedade. Ano XVIII nº 60-1997.

LIPMAN, Matthew. **O Pensar na Educação-** Petrópolis: Editoras Vozes 3ª edição, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento.** Pesquisa Qualitativa de Saúde. 10ª Edição. São Paulo: Editora Hucitec, 2007.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Revista Ciência & Educação.** V.9, Porto Alegre, nº 2, p. 191-211, 2003.

*Musica.com. br/artistas/tim-maia/biografia.html*

*Biografia completa, músicas, clipes e muito mais. ... O cantor gravou seu primeiro LP, "Tim Maia", em 1970, com as músicas "Primavera" e "Azul da Cor do Mar".*

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal:** prelúdio a uma filosofia do futuro. 2ª edição. Companhia das letras, 2001.

OLIVEIRA, Silvio, Luiz. **Tratado de Metodologia Científica.** Projetos de Pesquisas. TGI, TCC, Monografias, Dissertações e Teses. Editora Pioneira. São Paulo. 1998.

**Proposta político-pedagógica das escolas Municipais de Educação Infantil-Lajeado RS.** Editora Univates, 2011.

**ANEXOS**

## **ANEXO A – Entrevista às docentes**

- 1) Fale um pouco sobre sua formação acadêmica?
- 2) Qual o tempo de atuação como professor (a)?
- 3) Você já teve algum contato com a Filosofia?
- 4) Você já ouviu falar de “Filosofia com crianças”? Lembra-se de algo especial?
- 5) No seu planejamento diário com as crianças, a Filosofia se faz presente? Como?
- 6) Você faz uso de alguma “didática” em especial dentro da Filosofia?
- 7) Qual sua postura frente aos questionamentos elaborados pelas crianças nos momentos da reflexão?
- 8) O que você pensa sobre o aluno ser um investigador, desde pequeno?
- 9) Você instiga seu aluno a pesquisar o que ainda não sabe? Como?
- 10) Qual sua percepção quanto ao trabalhar “Filosofia com crianças”?

**ANEXO B- Termo de consentimento livre esclarecido (aluno)**

Eu \_\_\_\_\_, aceito que meu/minha filho (a) \_\_\_\_\_, participe da pesquisa que será desenvolvida pela aluna Lia Lúcia Delavald Bottoni do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES, orientada pelo Dr. Rogério Schuk. Esta investigação faz parte da elaboração do Trabalho de conclusão do Curso.

Fui esclarecido de que as observações poderão se utilizar de gravações e imagens de situações do cotidiano escolar. As filmagens que serão geradas terão o propósito único de pesquisa, respeitando as normas éticas quanto ao seu uso e ao sigilo nominal de meu/minha filho (a).

Estou ciente de que a pesquisa não me trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa, uma vez que a participação de meu/minha filho (a) é um ato voluntário. Houve a garantia de que esse tipo de pesquisa não compromete ou prejudica em nada o desenvolvimento do meu filho (a).

A aluna pesquisadora coloca-se à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas quanto ao desenvolvimento da pesquisa. Dar ciência que se pode desistir a qualquer momento e que os dados coletados ficarão sob os cuidados da pesquisadora por um período não inferior a 5 anos.

Este trabalho pode contribuir no campo educacional, por isso autorizo a divulgação das observações e das imagens realizadas para fins exclusivos de publicação e divulgação científica, assim como para atividades formativas de educadores.

Nome da criança: \_\_\_\_\_

Nome do responsável legal pela criança: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Aluna: Lia Lúcia Delavald Bottoni

Lajeado/RS, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013

**ANEXO C- Termo de consentimento livre esclarecido (professores)**

Eu \_\_\_\_\_, aceito participar da pesquisa que será desenvolvida pela aluna Lia Lúcia Delavald Bottoni do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES, orientada pelo Dr. Rogério Schuk. Esta investigação faz parte da elaboração do Trabalho de conclusão do Curso.

Fui esclarecido de que as observações poderão se utilizar de gravações e de situações do cotidiano escolar. As gravações geradas terão o propósito único de pesquisa, respeitando as normas éticas quanto ao seu uso e ao sigilo nominal.

Estou ciente de que a pesquisa não me trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa, uma vez que a participação é um ato voluntário. Houve a garantia de que esse tipo de pesquisa não compromete ou prejudica em nada a professora e escola pesquisada.

A aluna pesquisadora coloca-se à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas quanto ao desenvolvimento da pesquisa. Dar ciência que se pode desistir a qualquer momento e que os dados coletados ficarão sob os cuidados da pesquisadora por um período não inferior a 5 anos...

Este trabalho pode contribuir no campo educacional, por isso autorizo a divulgação das observações realizadas para fins exclusivos de publicação e divulgação científica, assim como para atividades formativas de educadores.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Aluna: Lia Lúcia Delavald Bottoni

Lajeado/RS, de \_\_\_\_\_ de 2013.